

Constituintes: como eles se vêem e como os vemos

LUIZ CARLOS LISBOA

Se é verdade; como dizia La Bruyère, que o homem não vive o bastante para aprender alguma coisa com os próprios erros, muito menos tempo terá uma Assembleia Nacional Constituinte como a nossa para descobrir que desperdiçou com radicalismos, divisão e casuísmos oportunidade rara proporcionada pela passagem inútil do chamado "bonde da história". A partir de agora, quando se inicia a tarefa de sistematização da papelada algo desconexa que veio das comissões temáticas, essa premência de tempo será, entre os constituintes, mais evidente e dolorosa, uma vez que os prazos para a confecção do cartapácio (pelo menos 500 artigos, talvez 900) tornam exíguos os espaços do debate, da pesquisa, do estudo e da troca de experiências. A essa altura, é quase inevitável que a futura Constituição inclua no seu corpo matéria de lei ordinária, ou que disponha em ordem numérica um leque de contradições — por obra e graça de duas dúzias de radicais e uma legião de desinformados.

Uma pesquisa levada a efeito na Assembleia Nacional Constituinte apurou, há pouco, que 53% dos constituintes consideram-se de centro-esquerda, ou o que definem como esquerda moderada. Apenas 4% admitem pertencer à esquerda radical e ninguém, absolutamente ninguém, localizou-se na direita. Esses números, naturalmente, não revelam a realidade objetiva, porque o trabalho é autoclassificatório, mas expressam exatamente o que os pesquisadores gostariam que se pensasse deles. Ora, isso pode ser bem mais interessante do que qualquer outra coisa, uma vez que a idéia que se deseja passar diz muito mais da essência de cada um (e de sua época), do que a verdade pessoal, muitas vezes mera cópia do coletivo. Os senhores constituintes que elegemos para fazer a Carta Magna que vai dirigir os destinos deste país querem ser de centro-esquerda — seja lá o que eles imaginem que isso significa. Quanto a nós, podemos imaginar muito bem: ser centro-esquerda é uma tentativa de parecer politicamente esclarecido sem ser inconfiável, voltado para o social sem defender métodos violentos de tomada de poder, propor-se a implantação das vantagens aparentes do socialismo sem os horrores reconhecidos do totalitarismo. Como se isso fizesse sentido de fato, ser da centro-esquerda será, finalmente, colher os benefícios do humanitarismo cristão das catacumbas, fazer do Estado um pai generoso e pródigo, livrando-se completamente dos resultados fatais de fantasias como inflação, descrédito, bancarrota, demagogia, dúvida externa e outras.

Pode ser trágico que uma Assembleia Nacional Constituinte não viva o bastante para aprender alguma coisa com os próprios erros, e estes afinal tornem-se visíveis quando o produto final da Assembleia já esteja em uso. Um provérbio tcheco diz que o informante do tolo é ele próprio. Os enganos dos pequenos grupos são reforçados no seu âmbito, e é por isso que suas ilusões se perpetuam infinitamente, como acontece com os fanáticos, os cren-tes que não se renovam porque não

contestam os próprios dogmas e jamais se reciclam. O universo político brasileiro repete seus vícios há muitas décadas, e há reiteradas legislaturas. São superstições e esperanças que se transferem de geração para geração, de República para República. A mais antiga é o raposismo, a insinceridade associada à esperteza, a perna na conquista e na conservação do poder. A crença mais recente, de emanção internacional, é o "progressismo", o "antimperialismo", versão local de um novo nacional-socialismo. Na Assembleia Nacional Constituinte, os ventos da segunda superstição sopram com mais força que os da primeira, mas no fundo uma existe graças à outra.

O preparo de uma constituição é tarefa delicada, que demanda técnica, paciência e certo tipo de paixão. Esses requisitos combinam melhor com o estudo e a troca de conhecimentos do que com os exageros de palanque. O tom de voz dos nossos constituintes não pressagia coisa boa, mas o primarismo da divisão esquerda-direita e a incomunicabilidade dos representantes desses grupos está garantindo um desastre, pelo que tem de infantil e cucaracha. Terá sido talvez exagero de Proust escrever que "nossa entonação contém nossa filosofia de vida", mas a voz esgançada dos senhores constituintes no sistema de som da Câmara, em Brasília, pode ser mais que um prenúncio de dias sombrios para o País. O que se considera "avanço" político e social na Constituinte, devia ser aceito como proveniente da maioria, não podendo em hipótese alguma ter origem num golpe de mão ou numa conjugação de esperanças. A vontade social precisa ser respeitada pelos que querem empurrar o País numa direção que eles chamam de "esquerda", porque acreditam no sonho conveniente de que estão entre os "avançados". Não há nada mais reacionário do que fazer a própria opinião minoritária soar como a voz da multidão, através do grito, do falsete, da vaia manipulada, da obstinação fanática. Qualquer psiquiatra conhece a força medonha e a persistência infernal da neurose, mas nem de longe lhe concede, por essas características, poder de decisão ou contribui para o seu reforço. *Malitils non est indulgendum.*

O espetáculo radical pode custar muito caro ao País. A convocação de uma assembleia nacional constituinte pode ser o início de um processo de regeneração ou o fato de areia que vai emperrar um motor possante que mal começou a funcionar. Tudo depende da maturidade e das convicções democráticas de quem utiliza esse instrumento poderoso de organização das sociedades. Sendo a vida política nacional o que sabemos que tem sido nas últimas seis ou sete décadas, não havia por que esperar que as coisas fizessem mudado milagrosamente. Ah, essa nossa necessidade de acreditar em milagres políticos, econômicos e psicológicos, as peças que já nos pregou. Um povo de fé imbatível espera agora, de muito mais alto, um novo gênero de milagre, daqueles que às vezes os homens e povos sofridos merecem. Os poderes mundanos já não inspiram muita confiança.